Todo dia morre um na Feira de Santana

15/01/2015

Todo dia morre um na Feira de Santana. É o que atestam as estatísticas anuais sobre os homicídios no município. E – parafraseando a antiga canção – normalmente o corpo estendido no chão costuma estar crivado de balas. Às vezes, destoando da prática habitual e resgatando os tempos de um banditismo até ingênuo para os padrões atuais, usam-se peixeiras – as tais armas brancas – que umedecem o solo com uma generosa poça vermelha de sangue. É possível observar esses detalhes nas imagens postadas em sites especializados nesses tipos de crime.

Esses mesmos sites atestam que 362 pessoas foram assassinadas na Feira de Santana em 2014, conforme dados da Polícia Civil. Quem exterminou todo esse contingente? Sabe-se pouco: inúmeros tombaram sob os disparos certeiros de assassinos em motocicletas. Normalmente, raros usuários desse *modus operandi* são identificados. E pouquíssimos vão parar atrás das grades.

Anos atrás, num artigo que tratava do mesmo tema, fizemos uma profecia involuntária que posteriormente se confirmou: o percentual de aumento de homicídios vinha caindo ano a ano, tendendo a se estabilizar num patamar absurdamente alto. Pois foi o que aconteceu: o percentual não cresce – ou cresce pouco – mas os números são barbaramente altos. Produz-se, em média, um finado por dia.

Em 2014, uma data entrou para a história criminal do município: 16 de abril. Nela, com o motim da Polícia Militar, foram registrados mais de 40 homicídios. Faltou até vaga em cemitério para sepultar tanta gente. Alega-se que, com o fim do movimento, o registro de homicídio retornou a seus patamares habituais. Ou seja: tão elevados quanto nos anos anteriores.

Geografia da Morte

Organismos internacionais estabelecem que 5 homicídios por grupo de cem mil habitantes, a cada ano, é o patamar aceitável. Em São Paulo, aonde o Primeiro Comando da Capital (PCC) comanda as ruas, essa taxa está em 10,9. Na média do Brasil, constatamos uma guerra não declarada: 29 por 100 mil habitantes. E na Feira de Santana, com base nos dados de 2014, flertamos com um genocídio: algo próximo de 60 por cem mil.

Os mortos costumam tombar nos bairros periféricos ou nos bolsões de pobreza: Aviário, Queimadinha, Rua Nova, Mangabeira, Viveiros e por aí vai. Nessas comunidades, o risco não apenas é real, mas palpável. Sobretudo para os jovens negros, pobres, com pouco estudo. Sobreviver, nesses casos, torna-se um desafio diário.

O farto noticiário policial – sobretudo o das emissoras de televisão – é sempre implacável com as vítimas: basta ser negro e jovem para, imediatamente, ser associado à criminalidade, principalmente ao tráfico de drogas. Com isso, imagina-se equivocadamente, o telespectador honesto pode dormir tranquilamente, porque males do gênero jamais o alcançarão.

Há saídas?

Nesses primeiros dias de janeiro as cenas corriqueiras de assassinatos e corpos estendidos no chão já foram retomadas na Feira de Santana. Afora os nomes diferentes nas cédulas de identidade, permanece tudo como sempre: vítimas com perfis semelhantes, executadas em cenários quase idênticos, normalmente bairros pobres, por criminosos cujos rostos são ignorados.

O tom leviano, irônico, até debochado, que os programas sensacionalistas de tevê adotam para tratar do tema só muda quando a vítima é de classe média. Aí pede-se punição rigorosa, pena de morte e mais polícia na rua. Embora sejam concessões públicas, as emissoras de tevê jamais se dedicam a discutir o tema a sério, a debater e buscar soluções. Afinal, isso não dá lucro nem rende fiel em pânico para as igrejas.

Os discursos oficiais apontam, como sempre, para incontáveis avanços na redução da criminalidade. Por enquanto, porém, visualiza-se apenas uma tênue esperança demográfica: que os índices declinem junto com a redução da população juvenil, já que a população brasileira, aos poucos, envelhece. É muito pouco, mas é o que resta no momento.

André Pomponet